

João César das Neves

Esperança, apesar dos bloqueios

Apesar do intenso desenvolvimento, da forte transformação e das grandes melhorias, o tema mais referido é precisamente o dos bloqueios e desafios.

Quais os bloqueios e desafios que Portugal enfrenta em 2009? Nunca me atreveria a responder a pergunta tão vasta. Isso são questões complexas, só acessíveis aos outros eminentes autores desta sequência de conferências. O que posso fazer neste espaço é mostrar alguns aspectos da realidade nacional, dando algumas ideias sobre a evolução do País.

Mas antes de entrar nessa sequência é bom começar por notar algo que, no meio do fragor quotidiano, costuma ficar esquecido. Para lá de enfrentar bloqueios e desafios, Portugal vive um processo de desenvolvimento que é muito mais importante que esses obstáculos.

1. PORTUGAL DESBLOQUEADO!

O mais impressionante na situação portuguesa não é o dramatismo da crise, mas os ganhos conseguidos nas últimas décadas. Em 1950 o nosso país era uma economia agrícola e tradicional, com uma situação intermédia no mundo. Quase um terço da população mundial era então mais rica que Portugal e o nosso nível de vida estava igual à média do planeta. Em 2006, e apesar de décadas de intenso crescimento em todo o mundo, Portugal tem uma posição que, não só é superior a 85% da população mundial, mas tem um nível de vida duplo da média global.

Colocação económica de Portugal no mundo

	Percentagem da população mundial mais pobre que Portugal	população mundial mais rica que Portugal	PIB pcap português face ao país mais pobre	médio	mais rico
1950	67,8	31,6	7,22	1	0,68
1975	80,0	16,5	12,62	1,6	0,19
2006	84,8	14,8	61,39	2	0,46

MADDISON, ANGUS (2009) STATISTICS ON WORLD POPULATION, GDP AND PER CAPITA GDP, 1-2006 AD, [HTTP://WWW.GGDC.NET/MADDISON/E](http://www.ggdc.net/maddison/e) CÁLCULOS DO AUTOR

Considerando as principais regiões do planeta, como se vê no quadro abaixo, o nível de vida português situa-se abaixo dos países desenvolvidos do Ocidente mas está bastante acima da média das outras zonas.



Nível de vida português face às grandes zonas mundiais (PIB per capita, dólares 1990)

	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2006
EUA, Canadá, Austrália, N Zelândia	9268.4	10961.1	14560.5	18060.2	22345.8	27393.8	29955.6
Europa Ocidental	4567.9	6876.9	10161.9	13152.2	15904.7	19176.2	21202.4
Portugal	2086.4	2955.8	5472.9	8044.2	10826.4	13813.4	14209.9
Europa de Leste	2111.2	3069.8	4315.2	5785.9	5427.2	5970.2	7688.5
ex-URSS	2841.5	3945.3	5575.0	6427.2	6894.1	4459.6	6829.1
América Latina	2509.7	3135.5	3995.8	5593.1	5064.9	5889.2	6444.4
Ásia Ocidental	1724.1	2421.4	3871.0	5219.6	4679.1	5489.0	6334.1
África	714.5	1025.3	1528.3	2029.2	2776.2	3788.7	5172.0
Ásia Oriental	709.7	865.4	997.6	1205.4	1349.7	1519.1	2072.3
Mundo	2108.9	2770.5	3727.1	4519.4	5142.2	6029.4	7224.8

MADDISON, ANGUS (2009) OP. CIT E CÁLCULOS DO AUTOR

No que toca ao crescimento conseguido depois de 1950, o dinamismo lusitano ultrapassou a média de qualquer das regiões mundiais, multiplicando quase por sete vezes (6.81) o produto inicial. Em termos de comportamento face aos países individuais, o nosso país ocupa hoje o 15º lugar no crescimento mundial, num total de 139 países. Esta situação traduz-se numa mudança em todos os aspectos da vida que qualquer inspeção simples da realidade portuguesa manifesta à evidência.

Crescimento português face às grandes zonas mundiais (cresc. PIB pcap, 1950=100)

	1960	1970	1980	1990	2000	2006
Portugal	142	262	386	519	662	681
Europa Ocidental	151	222	288	348	420	464
EUA, Canadá, Austrália, N Zelândia	118	157	195	241	296	323
Europa de Leste	145	204	274	257	283	364
ex-URSS	139	196	226	243	157	240
América Latina	125	159	223	202	235	257
Ásia Ocidental	140	225	303	271	318	367
África	119	150	170	160	163	187
Ásia Oriental	122	141	170	190	214	292
Mundo	131	177	214	244	286	343

MADDISON (2009) OP. CIT. E CÁLCULOS DO AUTOR

Considerando a posição relativa ao nosso grande vizinho, que sempre foi mais rico que nós, é bem clara uma aproximação tendencial, interrompida nos últimos anos. A discrepância entre o PIB per capita de Portugal e Espanha nos finais do século XIX e inícios do século XX, altura em que a Espanha chegou a estar mais de 70% acima do produto per capita nacional, foi invertida com a guerra civil dos anos 30 que quase levou à paridade dos dois países. Reposta a normalidade, o desenvolvimento do pós-guerra viu uma aproximação acentuada de Portugal, até ao afastamento mais recente. A situação relativa actual é semelhante à que tínhamos em 1975.

Vantagem do produto per capita de Espanha face a Portugal, alguns anos

1850	16.8	1944	20.0
1861	41.4	1950	4.9
1870	23.8	1960	3.9
1880	73.8	1965	19.3
1890	44.0	1970	15.5
1900	37.2	1975	28.1
1914	60.1	1980	14.4
1920	77.1	1990	11.3
1930	66.8	2000	13.1
1937	2.9	2008	29.9

MADDISON (2009) OP. CIT. E CÁLCULOS DO AUTOR

Este desenvolvimento espantoso, nas suas várias vertentes, tem passado despercebido à cultura nacional, demasiado ocupada a identificar bloqueios e desafios. Por isso não se costumam notar os ganhos conseguidos apesar desses bloqueios. A causa disto, como Camões notava n'Os Lusíadas, vem de uma espantosa falta de sensibilidade dos portugueses para alguns valores.

«Enfim, não houve forte Capitão
Que não fosse também douto e ciente,
Da Lácia, Grega ou Bárbara nação,
Senão da Portuguesa tão-somente.
Sem vergonha o não digo, que a rezão
De algum não ser por versos excelente
É não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe arte, não na estima.»

Luís de Camões (1580) *Os Lusíadas*, canto V, nº97

2. BLOQUEIO/DESAFIO CONJUNTURAL?

No que toca ao crescimento de longo prazo Portugal tem mostrado, como se viu, uma grande intensidade de evolução. Apesar disso é evidente que nos últimos anos o dinamismo caiu de forma acentuada. Aliás basta observar os valores do quadro seguinte, deduzido dos níveis do capítulo anterior, para notar essa desaceleração. O país sente-se hoje a viver uma década perdida.

Taxa de variação média anual do produto per capita em Portugal

1950-60	1960-70	1970-80	1980-90	1990-00	2000-06
3.54	6.35	3.93	3.01	2.47	0.28

CÁLCULOS A PARTIR DO QUADRO ACIMA DO PIB PER CAPITA, DÓLARES 1990

Estará este bloqueio ligado à recente crise global? O tema que ocupa todos as atenções actualmente é a dramática situação causada pela derrocada financeira americana em 2008, que se espalhou por todo o mundo. Em meados de 2009 as previsões, como consta do quadro seguinte, são sem dúvida assustadoras. O produto português deve cair em 2009 e 2010, um total acumulado de mais de 4.5%. O nosso desemprego atingirá os valores mais altos da época moderna.

Taxas de crescimento, evolução e previsões

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
PIB	3.9	2.0	0.8	-0.8	1.5	0.9	1.4	1.9			
MF									0.0	-3.4	
BP									0.0	-3.5	
UE									0.0	-3.7	-0.8
IMF									0.0	-4.1	-0.5
FBCF	2.1	1.2	-4.7	-8.3	2.5	-1.5	-0.3	3.1			
MF									-1.1	-14.1	
BP									1.7	-14.4	
UE									-1.1	-14.4	-8.0
TxDes	4.0	4.1	5.1	6.4	6.7	7.6	7.7	8.0			
MF									7.6	8.8	
OCDE									7.6	8.5	8.8
UE									7.7	9.1	9.8
IMF									7.8	9.6	11.0
Export	8.4	1.8	1.5	3.9	4.0	2.0	8.7	7.5			
MF									-0.4	-11.8	
BP									0.4	-14.2	
UE									-0.5	-11.7	-0.1

MF – MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, RELATÓRIO DE ORIENTAÇÃO DA POLÍTICA ORÇAMENTAL, MAIO DE 2009; BP – BANCO DE PORTUGAL, BOLETIM ECONÓMICO, PRIMAVERA 2009; OCDE – ORGANIZAÇÃO DE COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO, ECONOMIC OUTLOOK, NOVEMBRO 2008; IMF – FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL, WORLD ECONOMIC OUTLOOK, ABRIL 2009; UE – UNIÃO EUROPEIA; ECONOMIC FORECAST, PRIMAVERA 2009

Tal evolução, se é muito séria, não destoa do que se está a observar noutros países. Na queda do produto Portugal vai ter comportamento mais gravoso que os nossos principais parceiros, mas no desemprego todos, incluindo os EUA, deverão ficar acima dos valores previstos.

Comparação internacional da crise

Cresc. PIB	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Portugal	1.5	0.9	1.4	1.9	0.0	-3.7	-0.8
EU	1.9	1.7	2.9	2.7	0.8	-4.0	-0.1
USA	3.6	2.9	2.8	2.0	1.1	-2.9	0.9
Espanha	3.3	3.6	3.9	3.7	1.2	-3.2	-1.0
Tx Desemprego							
Portugal	6.7	7.6	7.7	8.0	7.7	9.1	9.8
EU	8.8	9.0	8.3	7.5	7.5	9.9	11.5
USA	5.5	5.1	4.6	4.6	5.8	8.9	10.2
Espanha	10.6	9.2	8.5	8.3	11.3	17.3	20.5

UNIÃO EUROPEIA; ECONOMIC FORECAST, PRIMAVERA 2009

Por outro lado, comparando esta com as crises anteriores da economia, vemos que a situação, apesar de séria, não sai fora do quadro normal das nossas flutuações. Portugal costuma seguir estas linhas. Verificaram-se cinco recessões desde o início da industrialização, em meados do século XX. O quadro seguinte resume a queda e recuperação em casa uma delas.

Comparação das várias crises

	0	1	2	3	4
1974-78	2.9	-5.1	2.3	6.0	6.2
1983-87	1.0	-1.0	1.6	3.3	7.6
1992-96	3.1	-0.7	1.5	2.3	3.6
2002-06	0.8	-0.8	1.5	0.9	1.4
2008-10	0.0	-3.7	-0.8		

BANCO DE PORTUGAL, RELATÓRIO ANUAL, VÁRIOS ANOS, CÁLCULOS DO AUTOR

Vê-se bem que, relativamente às demais, a previsão de queda do produto nacional em 2009 e 2010, se ultrapassa o verificado nas três crises imediatamente anteriores, ainda regista um nível menos gravoso que a situação em 1975. Assim, apesar do sofrimento dramático da presente situação, é de afirmar que não se deve incluir este aspecto como um elemento estrutural da nossa economia. Trata-se de algo comum e passageiro. Nos momentos de perturbação muitos exageram nas consequências e previsões, mas é bom manter o sentido das perspectivas. É curioso notar a semelhança da situação com alguns diagnósticos antigos.

«O comércio e a indústria tiveram durante algum tempo disponibilidades enormes: parecia que os comerciantes não acabavam de enriquecer. Todas as empresas pareciam prósperas; afinal muitos vieram a verificar que se tratava de riqueza ilusória e estavam na realidade empobrecidos: tinham distribuído e gasto o próprio capital. (...) Todos estes males têm somente uma cura — a estabilização da moeda, e esta é impossível independentemente da solução do problema financeiro.»

António Salazar (9 de Junho de 1928) *Os Problemas Nacionais e a Ordem da sua solução* in *Discursos*, volume primeiro 1928-1934, Coimbra Editora, 4ª edição 1948, p.15

3. BLOQUEIO/DESAFIO DINÂMICO?

Assim, a crise de 2009 e 2010 não deve ser contada, como vimos, entre os nossos principais bloqueios. Muito mais séria é a situação estrutural em que nos encontramos há dez anos, e de que esta recessão constitui apenas um episódio. Os

A previsão de queda do produto nacional em 2009 e 2010, se ultrapassa o verificado nas três crises imediatamente anteriores, ainda regista um nível menos gravoso que a situação em 1975. Assim, apesar do sofrimento dramático da presente situação, é de afirmar que não se deve incluir este aspecto como um elemento estrutural da nossa economia.



próximos capítulos esboçarão alguns dos contornos principais desta circunstância.

O primeiro elemento dessa evolução é muito positivo e configura uma enorme transformação do quadro produtivo da economia portuguesa. Portugal vive uma década de estagnação e dificuldade, mas isso não significa que a economia não esteja a modificar-se. O quadro seguinte resume bem essa situação.

Estrutura do produto e do emprego português

GDP	Agríc., Silv. Pescas	Elect., G., Ag.	Indúst.	Const.	Com., Rest. e Hotéis	Transp. e Comunic.	Act. Fin. e Imobil.	Outros Serviços
1953	28.9	1.3	26.1	5.8	12.9	3.7	10.1	11.2
1960	22.4	2.0	27.4	7.0	15.2	4.0	9.9	12.2
1970	12.9	2.0	29.9	9.1	17.0	4.8	10.5	13.7
1980	10.8	2.0	29.6	9.5	19.5	5.6	6.2	16.7
1990	9.1	3.9	28.5	6.4	18.1	6.5	7.4	20.2
2000	3.8	2.4	17.7	7.8	17.3	6.7	13.7	30.5
2008	2.3	3.1	14.4	6.0	17.7	6.6	15.8	34.0
Emprego								
1953	48.8	0.3	19.3	4.2	6.6	3.5	0.7	16.5
1960	43.1	0.5	21.3	6.4	8.2	3.6	0.9	16.0
1970	27.6	0.5	25.8	7.5	13.1	4.4	1.7	19.4
1980	19.2	0.7	26.5	10.5	14.3	5.1	2.5	21.2
1990	13.1	0.7	26.6	10.0	16.3	4.8	3.8	24.7
2000	12.4	0.8	22.0	11.7	20.1	3.6	1.8	27.7
2008	11.1	1.1	17.4	10.4	21.0	5.2	1.7	32.0

INE CONTAS NACIONAIS E INQUÉRITO AO EMPREGO

Neste momento os vários sectores dos serviços ocupam 74% do produto nacional e 60% da nossa população trabalhadora. Estes valores, que são mais do dobro dos verificados em 1950 e subiram intensamente desde 1980 (quando eram respectivamente 48% e 43%) representam um facto decisivo e muito ignorado. Apesar da grande atenção prestada à agricultura (2,3% do produto e 11% do emprego) e à indústria (14% do produto e 17% do emprego), Portugal é hoje um país de serviços. Isto angustia muita gente, que erradamente considera essas actividades como menos produtivas, mas é um facto incontornável e permanente.

A intensa mudança recente é ainda mais visível na modificação da posição relativa do nível de vida das várias regiões nacionais, esboçada para os últimos dez anos no quadro seguinte.

Estrutura das várias regiões, produto per capita, Lisboa = 100

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Norte	62.9	63.0	61.0	60.0	59.7	58.6	58.2	57.4	56.6	56.1	56.2	56.8
Centro	61.2	61.5	60.0	59.6	60.2	59.9	59.9	59.4	60.5	60.4	60.0	60.7
Alentejo	65.8	66.6	66.5	64.3	62.4	62.2	63.0	63.8	65.6	65.5	65.8	68.1
Algarve	73.8	72.8	71.8	70.5	71.3	71.8	74.6	74.6	75.6	74.1	74.8	76.2
Açores	57.6	58.2	55.9	55.6	57.7	58.3	59.3	60.8	62.3	62.0	62.7	64.4
Madeira	65.6	66.3	68.4	70.3	71.4	76.4	76.0	87.7	86.0	88.1	89.2	91.7

EUROSTAT - REGIONAL GROSS DOMESTIC PRODUCT

A queda acentuada do Norte para último lugar da lista e a subida igualmente dramática da Madeira para o segundo lugar são os elementos mais visíveis de uma modificação muito intensa e influente. Assim, Portugal está envolvido numa enorme modificação da sua situação económica. Sectores desaparecem e outros surgem numa intensa modificação. Assim está a nascer a futura dinâmica de desenvolvimento, que despontará daqui a anos.

É verdade que esta estrutura está a ser concebida em período de grande dificuldade e perplexidade. Mas o que importa é que ela está mesmo a nascer. A causa desta contradição é fácil de entender. Como acontece frequentemente, a complacência dos anos 1990, em que tudo parecia correr bem, gerou uma decadência que agora se sente. Mas dela pode nascer algo de muito poderoso. Já o Padre António Vieira nos avisava para este paradoxo.

«O que só desejo é que toda esta Monarquia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da Fortuna que se fie dela e a creia. Ouvi debaixo de um paradoxo o mais sisudo juízo da prudência militar. Como na guerra não há coisa mais para estimar que o vencer, assim não há outra mais para temer que a mesma vitória. Quando o sábio capitão se vir mais vitorioso e triunfante na carroça de Marte e da Fortuna, então é que mais se deve temer da volta das suas rodas.»

Padre António Vieira (1663) Sermão de Santa Catarina Virgem e Mártir, capítulo V

4. BLOQUEIO/DESAFIO LABORAL?

A pior das manifestações da estagnação económica, que ocupa todas as atenções, é sem dúvida o fenómeno do desemprego. Como se pode observar no quadro seguinte, a taxa de desemprego em Portugal tem flutuado com o ciclo.

Taxa de Desemprego, %

1955	3.5	1985	8.6
1960	2.4	1992	4.2
1965	2.6	1996	7.3
1973	1.4	2001	4.0
1975	3.7	2005	7.6
1980	6.4	2010	9.8

BANCO DE PORTUGAL, SÉRIES LONGAS, INE, INQUÉRITO AO EMPREGO

Depois de um período áureo de valores muito baixos nos anos 1950 e 1960, ligado ao crescimento económico, a emigração e a guerra colonial, o desemprego começou a subir com a crise do petróleo em 1973 e atingiu o pico máximo em 1985. Depois voltou a descer e a subir, com novo pico dez anos depois. A previsão para actual recessão implica um novo máximo histórico.

Apesar disso, como já foi visto antes, as nossas taxas têm sido e continuarão a ser inferiores às dos nossos parceiros. Este facto muito significativo manifesta uma flexibilidade latente que merece muita atenção. No mercado de trabalho Portugal não parece ter um bloqueio mas, pelo contrário, uma vantagem de ajustamento.

A causa desta diferença pode começar a ser revelada se notarmos a dinâmica dos contratos a prazo revelada no quadro seguinte. Como foi dito, o desemprego flutua com o ciclo. Mas os números manifestam uma outra flutuação simétrica na percentagem de contratados a prazo no total dos trabalhadores. Quando desemprego sobe, quem perde emprego são os contratados a prazo; quando desce, são eles que aumentam.

Taxa de desemprego vs Contratos a prazo (%)

	1983	1985	1989	1996	2002	2007	2009
Taxa Desemprego	7.9	8.9	5.4	7.5	4.5	8.4	8.9
% Contratos a prazo	19.8	12.0	18.4	11.9	21.5	21.5	21.5

INE., INQUÉRITO AO EMPREGO

Assim se revela o segredo da flexibilidade portuguesa. Portugal consegue ser quase o único país europeu que, com sistemas laborais modernos, mantém taxas de desemprego com um único dígito. Mas isso, por outro lado, manifesta-se uma intensa disparidade interna da força laboral entre uma elite favorecida e uma franja desprotegida. Isso constitui, só por si, um importante traço estrutural. A questão principal do nosso mercado de trabalho é a separação entre os trabalhadores beneficiados por contratos seguros e aqueles que não gozam de regalias. Mas este segundo grupo é essencial para a flexibilidade e adaptação da nossa economia. Um problema que já Fernão Lopes tinha identificado no seu tempo.

«Desta guiza que haveis ouvido se levantaram os povos em outros lugares, sendo grande o cisma e divisão antre os grandes e os pequenos, o qual ajuntamento dos pequenos povos, que se entonce assim juntava, chamavam naquele tempo arraia-miúda. Os grandes, à primeira, escarnecendo dos pequenos (...) e os pequenos aos grandes, depois que cobravam coração e se juntavam todos em um, chamavam-lhes treedores cismáticos»

Fernão Lopes (1443) Crónica de D. João I, primeira parte, capítulo 43

Portugal consegue ser quase o único país europeu que, com sistemas laborais modernos, mantém taxas de desemprego com um único dígito. Mas isso, por outro lado, manifesta-se uma intensa disparidade interna da força laboral entre uma elite favorecida e uma franja desprotegida. Isso constitui, só por si, um importante traço estrutural.

5. BLOQUEIO/DESAFIO COMPETITIVO?

Se o emprego é a questão que mais atenção desperta, a crítica mais frequente liga-se à perda de competitividade. Será que Portugal tem um problema competitivo numa economia aberta e dinâmica? A questão é bastante mais complexa do que parece.

A dinâmica externa de uma economia manifesta-se pela relação entre dois indicadores distintos. Por um lado está a produtividade do trabalho, que representa os ganhos que o país fez no seu processo dinâmico. Por outro aparece o crescimento dos salários reais, que aumenta os custos e distribui esses ganhos pelos agentes económicos. Se a economia permitir que a produtividade cresça mais que os salários, então os custos internacionais dos nossos produtos podem descer e o país ganha posições competitivas. Se, pelo contrário os salários ultrapassarem os ganhos tecnológicos, o país perde na luta com os concorrentes. Deste modo, os mais competitivos não são necessariamente os mais produtivos, mas aqueles que melhor conseguem gerir a interacção entre os dois lados da questão.

Evolução da produtividade e salário real, vários países 1999-2007

1999-07	Portugal	UE-12	Espanha	França	Irlanda	Grécia
Product.	10.42	10.88	4.07	9.45	28.39	30.66
Salário real	7.68	5.52	-4.51	8.92	22.85	22.04
Diferencial	2.74	5.36	8.58	0.54	5.54	8.62

COMISSÃO EUROPEIA, EUROPEAN ECONOMY 2008

Como os números do quadro anterior mostram, Portugal tem conseguido ultrapassar sucessivamente os seus parceiros mais directos em crescimento de produtividade, sendo o ganho conseguido inferior apenas à Irlanda e à Grécia. No entanto, o vigor de crescimento dos nossos salários eliminou grande parte dessa vantagem, colocando o nosso país em penúltimo lugar na lista de competitividade, à frente apenas da França.

Não há dúvida que nos últimos anos o nosso país registou um grave problema de dinâmica de mercado. Mas questão, como se vê, não está na tão referida baixa produtividade. Aí a nossa prestação pede meças aos melhores. Infelizmente o nosso país tem absorvido esses ganhos em facilidade e consumos, um drama que já no século XVI afectava o nosso império, como dizia Diogo do Couto:

«Aqui me cai a propósito um dito muito avisado dum rei de Cochim, o qual vendo ir aquele Estado empiorando, disse “que logo ele começara a descair, tanto que de Portugal deixaram de vir estas três cousas: verdade, espadas largas e portugueses de ouro”»

Diogo do Couto (1616) *O Soldado Prático*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1954, segunda parte, cena II.

6. BLOQUEIO/DESAFIO FINANCEIRO?

A consequência da referida perda de produtividade é o tão famigerado endividamento nacional face ao exterior, sinal mais evidente da decadência. O total de absorção de poupanças externas, permitindo-nos viver acima das nossas posses, mede-se tradicionalmente no saldo das balanças corrente e de capitais, apresentado no quadro seguinte.

Balança corrente e de capitais, % PIB

1977	1979	1982	1985	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
-8,8	-0,2	-13,1	1,6	-9,0	-8,6	-6,0	-3,4	-6,1	9,0	-9,4	-9,8

BANCO DE PORTUGAL, BOLETIM ECONÓMICO

Este indicador revela uma primeira fase uma flutuação paralela aos ciclos económicos atrás mencionados. As crises de 1974 e de 1982 geraram dois grandes «buracos» na balança externa que, motivando crises cambiais, exigiram a intervenção de planos de estabilização, na altura mediados pelo FMI. O aspecto mais relevante desse quadro é, porém, que o desequilíbrio actual, não só reproduz um nível semelhante ao de 1977, mas tem permanecido estável há quase dez anos. Desta vez, e apesar dos muito que se disse, não houve plano de estabilização e o desequilíbrio actual e previsível é semelhante ao do ano 2000. Esta é a «bola de neve» financeira que está a tornar-se insustentável.

Posição de investimento internacional, % PIB

1996 Mar	1996 Dez	2000 Dez	2005 Dez	2008 Set
7,89	10,63	41,12	70,20	90,61

BANCO DE PORTUGAL, BOLETIM ECONÓMICO

A consequência disto vê-se melhor no stock acumulado. O total da dívida externa nacional (posição de investimento internacional) subiu de um valor abaixo de 8% do PIB em 1996 para mais de 90% do PIB em 2008. O saldo negativo da balança externa, como vimos, garante que esse valor vai continuar a aumentar dez pontos percentuais do PIB anualmente no horizonte previsível. Este é o monstro que bloqueia a economia e trava o crescimento.

Isso obriga, obviamente, a um crescente desembolso de pagamentos de juros dessa dívida. O débito da balança de rendimentos nacional em 2008 já atingiu 36% das exportações, muito acima do pico anterior de 1982, que foi de 27%. É verdade que, dado que desta vez também termos rendimentos externos dos nossos investimentos, o saldo dessa balança ainda está abaixo do que foi no início dos anos 1980. Mas ele tem subido acentuadamente, como se vê na segunda linha do quadro, o que é crescentemente preocupante.

Balança de Rendimentos, % Exportações

	1973	1980	1982 (pico)	1990	2001 (pico)	2008
Débito	7.3	13.0	26.8	9.0	27.0	35.6
Saldo	-1.8	-9.6	-23.7	-2.2	-10.3	-13.9

BANCO DE PORTUGAL, BOLETIM ECONÓMICO

Por detrás deste bloqueio financeiro está uma tentação das delícias fáceis que já o grande Santo António denunciava há 800 anos:

«Adão foi posto no paraíso, onde, rodeado de delícias, caiu. Jesus foi conduzido ao deserto, onde, insistindo nos jejuns, venceu o diabo»

Santo António de Lisboa, *Sermão do Primeiro Domingo da Quaresma*, in *Obra completa*, Lello & Irmão, Porto, 1984, vol I, p.83.

7. BLOQUEIO/DESAFIO ORÇAMENTAL?

A face mais visível e discutida deste dramático bloqueio financeiro é, sem dúvida, o aspecto orçamental. Toda a gente sabe que Portugal está com graves dificuldades fiscais. A situação está longe de ser desesperada, como foi algumas vezes no passado da democracia portuguesa. No entanto ela revela uma incapacidade estrutural de dominar as contas públicas.

Isso é visível imediatamente na parte pública do referido endividamento, que o quadro seguinte manifesta. É notório que mais de metade da dívida externa do país, que vimos no capítulo anterior estar no 100% do PIB, é da responsabilidade do Estado, que ainda tem mais 15% de endividamento interno. Sem ainda configurar uma situação de ruptura, trata-se de uma circunstância preocupante, sobretudo por causa da tendência crescente e acelerada.

Dívida pública (% PIB)

	1974	1980	1990	1995	2000	2005	2008
Total	17.78	35.74	67.70	64.30	50.50	62.60	66.40
Externa	4.33	8.29	6.90	11.85	25.56	44.08	51.76

BANCO DE PORTUGAL, BOLETIM ECONÓMICO

A evolução orçamental dos últimos anos, resumida no quadro seguinte, manifesta um padrão muito curioso e triste. O défice público tem sucessivamente flutuado nos últimos anos entre pouco menos de 3% do PIB e pouco mais de 6%. Parece evidentemente uma sequência de deslizos e apertos que não parece ter fim. O Estado começa por perder o domínio e as contas derrapam. Depois faz-se um esforço, reduz o défice e retoma-se momentaneamente o equilíbrio, para logo depois voltar a derrapagem. O nosso governo parece incapaz de fugir desta ondulação, sem conseguir chegar a uma condição minimamente controlada.

Défice e Peso da Despesa Total do Estado no PIB (%), alguns anos

	1974	1981	1986	1989	1991	1992	1993	2000	2001	2003	2005	2008	2009
Défice total	-1.0	-12.5	-5.9	-2.1	-6.0	-2.9	-6.0	-2.9	-4.3	-2.9	-6.1	-2.6	-6.5
Déf. estrutural	-	-	-	-	-	-	-	-4.7	-4.6	-4.7	-5.5	-4.7	-5.3
Despesa Total	22.7	42.5	41.7	38.9	44.0	44.9	46.8	43.2	44.4	45.4	47.7	45.9	47.6

BANCO DE PORTUGAL, RELATÓRIO ANUAL 2008; MINISTÉRIO DAS FINANÇAS, ORÇAMENTO PARA 2009

A despesa pública, que o quadro mostra perto de metade do produto nacional, tem obviamente muitas componentes. Mas uma tem sucessivamente chamado a atenção, as despesas com pessoal. É verdade que a discussão corrente tem confundido os termos da questão, mas uma simples observação ao quadro anexo mostra o fundamento dessa preocupação. De facto, o peso desses salários na economia atinge valores que ultrapassam a maioria dos nossos parceiros.

Peso dos salários dos trabalhadores, total do sector público, % PIB

	Bélgica	Alemanha	Irlanda	Grécia	Espanha	França	Itália	Portugal	UE-12
1985	12.3	9.1	11.4	-	-	13.5	11.4	9.5	-
1990	10.9	8.2	10.3	11.4	-	12.3	12.2	11.2	-
1995	11.9	8.7	10.1	10.3	11.2	13.6	11	12.9	10.9
2000	11.5	8.1	8	10.5	10.3	13.3	10.4	14.2	10.4
2005	12.1	7.5	9.2	11.3	10	13.2	11	14.4	10.4
2010	11.8	6.9	10.5	11.4	10.5	12.8	10.9	10.9	10.1

COMISSÃO EUROPEIA, EUROPEAN ECONOMY 2008

É impressionante que entre 2000 e 2005 os pagamentos a funcionários portugueses tenham ultrapassado percentualmente a posição de países com máquinas muito mais sofisticadas e eficientes como a Espanha, a Alemanha e até a França, além das média dos doze. A prevista redução para 2010 é bem capaz de nunca se verificar.

Talvez o elemento mais assustador deste bloqueio seja tomar consciência que este é um fantasma que tem sucessivamente assombrado a democracia portuguesa. Nunca tivemos até hoje em Portugal democracia com controlo das contas públicas. A sátira de Eça de Queiroz manifesta-o com clareza.

«No começo de cada legislatura, o discurso da coroa declara gravemente:

— Desta vez vamos ocupar-nos com toda a seriedade da questão da fazenda, etc (...) Surge outra Câmara. Volta no seu cerimonial o discurso da coroa. Diz:

— Da vez passada não valeu! Mas agora é que nós vamos aplicar-nos com o maior zelo à questão da fazenda (...) E aí vem o discurso da coroa abrir de novo as cortes, rosnando com a mão no peito:

— Pois senhores, palavra de honra, agora a todo o custo, impreterivelmente, havemos de resolver a questão da fazenda, etc.»

Eça de Queiroz (Julho 1871) in *Uma Campanha Alegre*, cap. XIV, Livros do Brasil, Lisboa, p.84

O Estado começa por perder o domínio e as contas derrapam. Depois faz-se um esforço, reduz o défice e retoma-se momentaneamente o equilíbrio, para logo depois voltar a derrapagem. O nosso governo parece incapaz de fugir desta ondulação, sem conseguir chegar a uma condição minimamente controlada.

8. BLOQUEIO/DESAFIO FAMILIAR?

Até agora falámos de bloqueios visíveis e importantes. Mas é preciso dizer que os verdadeiros problemas são de outra ordem, e esses estão de facto a mudar para sempre a realidade a que chamamos Portugal. A família portuguesa está a sofrer uma enorme degradação. Os sinais exteriores desta realidade são indistigáveis mas, se possível, os números rigorosos são ainda mais assustadores. Neste momento a taxa bruta de nupcialidade já apenas o dobro da taxa de divorcialidade, destruindo-se por ano metade dos casamentos que se realizam. É fácil notar a dramática mudança que os últimos 15 anos tiveram em valores que costumavam ser bastante estáveis, como mostra o quadro.

Taxa de nupcialidade e divorcialidade (% Pop)

	Nupcialidade	Divorcialidade	
1900	6,7	1935	0,1
1950	7,7		0,1
1990	7,3		0,9
2007	4,4		2,2

INE, ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

Além disso, os casamentos que ainda hoje se fazem são cada vez mais frágeis, como mostram os três indicadores do quadro seguinte. A queda acentuada da percentagem dos casamentos católicos tem, muito mais do que razões religiosas, motivos ligados à solubilidade do vínculo. Por outro lado, cada vez a co-habitação pré-matrimonial é mais frequente e o peso dos casamentos entre solteiros é cada vez menor.

Casamentos (%)

não católicos			com residência anterior comum			entre solteiros			
1935	1960	2007	1995	2000	2007	1990	1995	2000	2006
23,8	9,3	52	10,8	13,3	31,8	89,6	88,4	86,8	79,4

INE, ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS

As consequências que a degradação da família tem sobre o equilíbrio social, o desenvolvimento económico, a estabilidade cultural e o futuro nacional são incalculáveis. Não sequer possível traçar os tipos de problemas que vai sofrer um país que vem demolindo a estrutura familiar básica que sustenta todas as linhas de progresso futuro. Centrando as atenções apenas nos aspectos quantitativos, vê-se bem a extrema decadência populacional em que o nosso país se encontra. A acentuada queda da taxa de natalidade, que se reduziu para menos de um terço em cem anos e em 40% em 50 anos, chegou ao extremo de em 2007 ser pela primeira vez inferior à taxa de mortalidade. Morrem hoje mais pessoas do que nascem em Portugal.

Taxas natalidade, mortalidade e nascimentos fora do casamento

	Tx Natalidade (nasc./1000h)	Tx Mortalidade (óbitos/1000h)	Nasc.fora casamento o/oo
1900	30,32	20,24	11,6
1950	24,10	12,08	11,8
1990	11,79	10,44	14,7
2007	9,65	9,75	33,6

INE, ESTATÍSTICAS DEMOGRÁFICAS



Isto significa que o nosso país está claramente em vias de extinção. E mais em vias de extinção do que qualquer das outras zonas do planeta. Isso é bem visível olhando para os valores da taxa de fertilidade, onde é bem conhecido facto de que a reposição das gerações se consegue com uma média igual a 2,1 filhos por mulher. Abaixo desse nível a população encontra-se em queda. Ora existem no mundo apenas quatro grandes regiões que estão em acentuada decadência populacional: a China, a União Europeia, a Rússia e o Japão. Portugal, embora pertença ao primeiro, tem um valor ao nível do último, abaixo de todos os demais.

Taxa de Fertilidade (número de filhos por mulher)

	1960	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	2000	2007
Mundo	4,6	4,7	4,8	3,6	3,7	3,4	3,1	2,9	2,7	2,5
EUA	3,7	2,9	2,5	1,8	1,8	1,8	2,1	2,0	2,1	2,1
China	3,4	6,4	5,8	3,4	2,5	2,4	2,1	1,9	1,9	1,7
UEM	2,6	2,7	2,4	2,0	1,8	1,6	1,5	1,4	1,5	1,5
Rússia	2,5	2,1	2,0	2,0	1,9	2,1	1,9	1,3	1,2	1,4
Japão	2,0	2,1	2,1	1,9	1,8	1,8	1,5	1,4	1,4	1,3
Portugal	3,0	3,1	2,8	2,5	2,2	1,7	1,4	1,4	1,5	1,3

BANCO MUNDIAL, WORLD DEVELOPMENT INDICATORS, 2008

A ligeireza com que este tema central é tratado pela cultura e a política em Portugal chega a roçar o incrível. A maior parte dos nossos parceiros europeus, conscientes da dimensão da catástrofe, estão empenhados em fortes programas para promover a família e a natalidade e começam a ter resultados. Pelo contrário,

a atitude nacional é de uma displicência que se assemelha à tolice de Inês Pereira na memorável farsa de Gil Vicente:

«Mãe — Não t'apresses tu, Ines,
 Maior he o anno co mes.
 Quando te não precatares
 Virão maridos e pares,
 E filhos de tres em tres.
 Inês — Quero-m'ora alevantar;
 Folgo mais de falar nisso,
 Assi me dê Deos o paraíso,
 Mil vezes que não lavrar.»

Gil Vicente (1523) *Farsa de Inês Pereira* in Obras, Lello & Irmão, Porto, 1965, p.657.

9. BLOQUEIO/DESAFIO CULTURAL?

Afectado por tantos bloqueios económicos, financeiros, políticos e familiares, não admira que a cultura portuguesa se ressinta fortemente. Também aí são visíveis sintomas de forte transformação que caracterizam a ambiguidade nacional.

Considerando as qualificações académicas a evolução que os censos da população manifestam é impressionante. Em poucas décadas passámos de um país maioritariamente analfabeto e sem escolaridade para uma sociedade em que a maioria da população tem um grau secundário ou superior.

Grau de instrução da população (%)

	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001
Não sabe ler e escrever	55.8	34.3	31.3	33.6	26.2	15.9	8.1
Sabe ler escr. sem freq.	27.5	50.5	27.2	4.5	1.1	0.8	14.3
Primário	14.3	13.1	35.7	52.5	47.4	51.5	35.1
Secundário	1.6	1.6	4.6	7.8	21.2	27.7	39.1
Médio	0.0	0.0	0.0	0.1	1.4	1.1	0.8
Superior	0.8	0.5	1.2	1.5	2.6	2.8	10.8
Mest./Dout.	0	0	0	1.6	4.0	3.9	11.5

INE, CENSOS DA POPULAÇÃO

Um outro indicador importante que melhorou significativamente nas últimas décadas é a taxa de suicídio, fenómeno extremo de desadaptação e sofrimento. Depois de ter subido intensamente nos anos 1930s, os valores têm desde então seguido uma tendência claramente decrescente, que se acentuou fortemente nos últimos anos.

Taxa de suicídio em Portugal (por cem mil habitantes)

	1902	1910	1920	1930	1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000
Total	4.3	6.0	6.3	6.9	11.6	10.1	8.7	8.4	7.5	8.8	5.1
Homens	6.1	9.2	9.1	10.8	18.8	15.4	14.1	13.5	11.2	13.5	8.5
Mulheres	2.6	3.1	3.7	3.4	5.0	4.9	3.8	3.7	4.0	4.4	2.0

MARIA DOS ANJOS CAMPOS E SOFIA LEITE (2002) O SUICÍDIO EM PORTUGAL NOS ANOS 90, REVISTA DE DEMOGRAFIA

A situação é menos favorável no que toca à população prisional, onde se tem verificado um aumento importante nas últimas décadas, depois de um mínimo atingido em 1974. Assim, a democracia assistiu a uma multiplicação por 6 vezes do número dos encarcerados, o que não deixa de ser um sinal muito preocupante.

Presos nas cadeias portuguesas

1944	1954	1964	1974	1984	1994	2006
8985	10593	8532	2132	7993	10035	12636

INE, ESTATÍSTICAS DA JUSTIÇA

Pelo seu lado a taxa de pobreza, depois de uma descida acentuada nos anos 1980s, tem registado uma estabilidade desde meados dos anos 1990s, com alguma pequena descida a meio da actual década, o que a recente crise conjuntural tenderá a inverter.

Taxa de Pobreza, pessoas, após transferências, (%)

	1980	1985	1995	2000	2006
Portugal	32.4	32.7	23	21	18
UE15	15.5	15.4	17	15	16

EUROSTAT, POPULATION ET CONDITIONS SOCIALES

Um ultimo sinal de evolução cultural vê-se na religião. Aí a evolução está em linha com o que vários estudos têm apontado para a atitude religiosa ocidental, onde se regista uma afirmação religiosa acompanhada por um certo abandono dos cultos tradicionais. Em Portugal mantém-se uma grande percentagem de afirmação de fidelidade e, em particular, uma esmagadora maioria de católicos (85% da população). No entanto a percentagem que mantém um culto regular da missa dominical é de cerca de um quarto desse valor. Isso significa que a maior denominação religiosa em Portugal continua a ser a dos «católicos não praticantes».

Prática religiosa, % da população total

	1940	1950	1960	1970	1981	1991	2001
Católicos	94.6	96.0	97.9	-	81.1	77.9	84.5
Fiéis na missa	-	-	-	28.5	-	23.7	20.2

INE, CENSOS DA POPULAÇÃO, CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, RECENTEAMENTO DA PRÁTICA DOMINICAL

Este é o pano de fundo onde se desenrola o drama nacional de lamento, desorientação e falta de esperança. Grande parte das análises formais ou informais, das conversas de café e dos sentimentos íntimos pronunciam-se desanimadoramente sobre as perspectivas futuras do país. Apesar do intenso desenvolvimento, da forte transformação e das grandes melhorias, o tema mais referido é precisamente o dos bloqueios e desafios. Permanece válido o diagnóstico que Fernando Pessoa apresentou há 75 anos.

«Ninguém sabe que coisa quer.
 Ninguém conhece que alma tem,
 Nem o que é mal nem o que é bem.
 (Que ânsia distante perto chora?)
 Tudo é incerto e derradeiro.
 Tudo é disperso, nada é inteiro.
 Ó Portugal, hoje és nevoeiro...
 É a hora!»

Fernando Pessoa (1934) *Mensagem*, Edição Ática, Lisboa, 13ª edição, 1979, p.104